

FUNASA Dengue Nota Técnica

O dengue é uma doença infecciosa aguda transmitida por contágio indireto, através da inoculação viral de um arbovírus do gênero flavírus, da família Flaviridae, do qual existem quatro sorotipos: DEN-1, DEN-2, DEN-3 e DEN-4. Várias espécies de mosquitos do gênero *Aedes* podem servir como transmissores do vírus da dengue. No Brasil, duas delas estão hoje instaladas: *Aedes Aegypti* e *Aedes Albopictus*. Pode causar formas assintomáticas ou sintomáticas, com quadro febril, mialgia, febre, exantema e artralgia, podendo ocorrer casos graves, com febre hemorrágica, choque e óbito.

A partir da segunda metade do século XX, o dengue assumiu proporções pandêmicas. Hoje, metade da população humana habita regiões onde o vetor e o vírus são encontrados. Anualmente, mais de cem milhões de pessoas são infectadas pelo vírus, com cerca de 25.000 mortes, devido à febre hemorrágica e à síndrome de choque.

O *A. Aegypti* é um mosquito adaptado ao ambiente urbano, encontrando no domicílio humano todas as condições para o seu desenvolvimento. O homem é tido como o principal disseminador do vírus da dengue a longas distâncias, pois o raio do vôo do *Aedes* é relativamente pequeno.

Observando o progresso da doença, um padrão recorrente pode ser constatado. Inicialmente o vetor *A. Aegypti* coloniza um local, e a dengue clássica aparece quando as pessoas são infectadas por um dos subtipos. Numa segunda etapa, um outro subtipo viral é introduzido, causa um surto epidêmico e a febre hemorrágica pode aparecer, causando mortes, dada a gravidade da forma clínica.

Dos quatro subtipos de vírus que circulam no mundo, três deles DEN-1, DEN-2 e DEN-3 já foram detectados no Brasil, e o DEN-4 já foi detectado em países fronteiriços.

Em relação às possibilidades de controle da doença, devem ser considerados 2 fatores complicadores: primeiro, que não existem vacinas disponíveis contra os vírus da dengue e não existem perspectivas de sua disponibilidade num futuro próximo; segundo, que o controle da proliferação do *A. Aegypti* exige ações de cunho educativo junto à população para redução dos criadouros, assim como medidas concretas de controle ambiental, com sistema eficaz de coleta de lixo, de monitoramento de pontos estratégicos para reprodução do vetor, com eliminação mecânica e/ou química de larvas e mosquitos encontrados, entre outras.

A organização de um sistema de vigilância epidemiológica e entomológica é também considerado fundamental, permitindo a identificação e notificação de casos suspeitos e a tomada de medidas que visem a identificação de focos de proliferação do vetor e, quando possível, dos subtipos de vírus circulantes.

Curitiba, 28 de Outubro de 2002

Moacir Gerolomo

Médico DIVEP FUNASA PR

SIAPE 0469536 CRM 7029

Jurandir Girardi

Ch da DIVEP/PR

FUNASA